

JORNAL: _____ LOCAL: _____

DATA: 1 / 1957 AUTOR: _____

TÍTULO: BRASILEIROS PREMIADOS

ASSUNTO: IV BIENAL - KRASCBERG VENCE IVAN

Notas sobre a Bienal — II

Brasileiros premiados

Ao aceitar quatro ou cinco trabalhos de alguns artistas e um ou dois de outros, o Júri de Seleção automaticamente "indica" ao Júri de Premiação os merecedores dos prêmios. Se para os prêmios menores, de aquisição ou viagem, talvez essa indicação tenha menor influência, para os prêmios principais ela é decisiva. Não estou querendo, com essa observação, denunciar um delito; apenas chamo atenção para um fato objetivo que vem mostrar a delicadeza do trabalho de selecionar as obras que devem participar de uma exposição da importância da Bienal. Por outro lado, não é propriamente a premiação em si que importa, mas o que ela reflete da atitude do Júri de Premiação, constituído na sua maioria de nomes significativos da crítica estrangeira.

Se um artista teve quatro trabalhos aceitos, quando a maioria só conseguiu passar com um ou dois, é natural que, desde a arrumação da mostra, seja reservado àquele artista um lugar privilegiado. Assim aconteceu com Milton Dacosta (que expõe cinco belos quadros a entrada da seção brasileira), Ivan Serpa e Frans Krajcberg com quatro quadros cada um. Antes do pronunciamento do júri, já se falava que o prêmio de "melhor pintor nacional" seria dado ou a Serpa ou a Krajcberg. Esse vaticínio era feito por pessoas que visitaram a Bienal, durante a arrumação, e viram os trabalhos desses pintores já em seus devidos lugares. Milton Dacosta estava fora do páreo, pois obtivera esse prêmio na III Bienal, e portanto restavam como favoritos os dois pintores que maior número de trabalhos expunham. Ora, sem desmerecer desses dois artistas, admitido que talvez o Júri de Premiação não se detivesse exclusivamente diante de suas obras se o Júri de Seleção tivesse agido com mais compreensão com o envio de Lygia Clark, que teve dois trabalhos cortados e que assim não dispôs nem de um conjunto considerável nem de localização propícia para disputar em pé de igualdade com Serpa e Krajcberg. Repito que o problema do prêmio não tem aqui a principal importância e o que se lamenta é que, como no caso de Lygia Clark cujos trabalhos vi antes de enviados à Bienal, outros artistas que fazem experiências de interesse real talvez tenham sido prejudicados em sua representação.

De qualquer modo, o júri premiou um pintor de qualidade, como é Krajcberg, que trabalha com profunda consciência de seu "métier" e que, por uma identidade cada vez maior com os seus recursos técnicos — por assimilação deles — vai encontrando o seu caminho, ao qual não se pode negar já acentuada originalidade. Seu adversário nessa disputa, Ivan Serpa, mantém nos quadros com que se apresenta na Bienal paulista as mesmas qualidades que lhe asseguraram um lugar próprio entre os jovens artistas brasileiros: requintada imaginação pictórica e preciso domínio artesanal. Voltando-se para outro campo, as experiências de Lygia Clark se interessam sobretudo pelas virtualidades da linha e do plano, na criação de um espaço ao mesmo tempo ambíguo e ordenado que, tendo como ponto de partida as pesquisas de Josef Albers nesse setor, apresentam um interesse novo, que se percebe sobretudo no sentido mais dinâmico, mais monumental — e quase diria mais orgânico — da estrutura.

Embora se tivesse falado em não ser concedido o prêmio de escultura, Franz Weissmann terminou conquistando-o e, a meu ver, de maneira bem merecida. Não me parece que a escultura seja o forte da arte brasileira atual, mas isso não é verdade apenas para o ano de 1957; serve para os anos anteriores. Além do mais, o aparecimento, relativamente recente de Weissmann, veio dar à nossa escultura um artista inventivo, dono de um sentido atual da forma e do espaço, ainda ausente da escultura brasileira moderna. Apesar do interesse que, dentro de suas respectivas tendências, despertam os trabalhos de José Pedrosa, Bruno Giorgi, Zélia Salgado ou Sérgio Camargo, os trabalhos de Weissmann — embora péssimamente colocados (1) — se impõem com uma autonomia e uma novidade que não deixam margem a vacilações.

Outro prêmio, de vitória livre e franca, foi o de gravura, concedido a Fayga Ostrower: o seu conjunto de oito trabalhos se impõe com superioridade indiscutível sobre os demais gravadores; e não se diga que aos outros faltam artesanato e imaginação. O que realmente sucede é que a gravura de Fayga Ostrower — valorizada por uma impressão de grande apuro e requinte — atinge a uma madureza de tratamento e invenção que, sem exagêro, abre perspectiva nova para a gravura brasileira. Talvez que essa perspectiva abandone certos valores importantes da gravura, tal como se apresentam em Goeldi, Abramo e Grassmann, mas em compensação representa um esforço para atualizar e dar maior independência à velha e grave linguagem da estampa.

O desenho brasileiro na Bienal está fraco. Dos dois premiados, prefiro Lemos a Wega, e prefiro José Claudio aos dois. Daria o prêmio a ele.

A conversa continua.

(1) As esculturas de Weissmann em alumínio branco-fosco confundem-se com as paredes claras da pequena sala onde se encontram. A grande "Torre" quase toca o teto, perdendo com isso a independência necessária para ser vista. Como as de Weissmann muitos trabalhos de outros artistas encontram-se assim mal situados basta lembrar as duas esculturas de Max Bill, na sala da Bauhaus: ambas sobre um pedestal gigantesco — baixo e largo, semelhante ao de Chopin em frente ao Municipal — e uma delas (* menor) em posição errada; eu a coloquei em posição certa.